

AVALIAÇÃO NO ENSINO SUPERIOR: ENSAIOS DE UMA PRÁTICA

TÂNIA MARIA DE SOUSA FRANÇA

Este texto é resultado dos momentos de estudo no Curso de Formação Permanente dos Professores da FLATED – Faculdade Latino-Americana de Educação, que acontece uma vez por mês e que tem feito da avaliação seu objeto de estudo.

Em 2004.1 lemos o livro Pontos e Contra pontos: do pensar ao agir em avaliação da Jussara Hoffmann e realizamos debates sobre as idéias da autora relacionando com a nossa prática. A coordenação de ensino acolhendo o que aponta a autora, que temos que ter uma postura reflexiva diante da nossa prática convidou cada professor a escrever um texto respondendo a pergunta: como avalio os alunos na disciplina? Os textos foram compilados e colocados no documento do Projeto do Curso de Pedagogia da referida Faculdade.

Ao parar para responder essa pergunta e escrever sobre a minha experiência de avaliação no ensino superior, percebi que era necessário pontuar inicialmente com que referência entro em sala de aula, porque acredito ser o processo de avaliação apenas uma consequência desta minha visão.

Sendo assim, gostaria de dizer que compreendo a sala de aula não só como um espaço físico, onde um aprende e outro ensina, mais como um espaço social, permeado de relações, concordando com LOPES (1990, p.36) quando diz

...podemos vê-la como um simples espaço físico, de uso obrigatório, onde todo dia [...] professor se encontra com seus alunos, para durante determinado tempo, desenvolver uma programação de ensino. Mas pode, também, entendê-la como um espaço social onde se estabelecem relações interpessoais, onde os alunos e alunas podem exercitar a cidadania.

MARINO (1999, p. 92) também reforça essa idéia ao trazer o grupo como processo educativo e a sala como espaço cultural, quando diz “Aí, a sala de aula é vista como espaço da cultura, laboratório da vida social. As redes intersubjetivas são catalisadas para troca, somos convidados a nos trazermos em nosso mundo e construirmos, assim, um mundo comum”.

A sala de aula percebida dessa forma, e acreditando que cidadania não é um conceito para ser aprendido, mas sim construído, e que acontece na relação dialógica entre professor e aluno, quando há respeito pelos direitos e consciência dos deveres, permitindo

o desenvolvimento da autonomia do educando, compreendo, também, que o papel do professor vai além do cognitivo, passa pelos 4 pilares anunciados pela Unesco: aprender a aprender, aprender a conviver, aprender a fazer e aprender a ser, porque como afirma FREIRE (1998, p.25) “ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

Com base nesse referencial vejo o processo avaliativo como um momento de aprendizagem, não só no sentido da devolução dos objetivos traçados no programa do curso, mas como um momento de reflexão, investigação, tomada de consciência, descoberta, de dizer de “cor” o que ficou internalizado do processo vivido em nível intelectual e dos sentimentos experimentados, conforme HOFFMANN (1998, p.108) quando diz:

a perspectiva da avaliação mediadora pretende, essencialmente, opor-se ao modelo classificatório “transmitir – verificar – atribuir conceitos” e evoluir no sentido de uma ação desafiadora que vise a contribuir e favorecer a troca de idéias entre educador e educandos, num movimento incessante de superação do saber e de compreensão dos fenômenos estudados.

Considerando estas idéias, procuro deixar claro para os alunos e alunas o meu conceito de avaliação, construindo ao longo de vinte anos de prática docente nos vários níveis e do meu trabalho na OfinArtes – Centro de Vivências Educativas, ou seja que avaliação serve para clarear o que estamos fazendo; fazer o confronto do resultado com o que foi planejado; descobrir as causas dos desvios e encontrar alternativas que orientem a ação futura; mostrar como as pessoas se sentiram vivenciando o processo; permitir que todos vejam seu trabalho dentro de um contexto mais amplo e compreendam as conseqüências de sua atuação; mostrar onde e como as mudanças são necessárias. Por isso tento diversificar os instrumentos e sempre deixo espaço para a auto-avaliação, porque considero que o aluno é co-responsável pela sua aprendizagem.

Para ilustrar o que falei, vou relatar alguns dos meus ensaios nesse aspecto, embora muitas perguntas ainda estejam sendo feitas, muitas dúvidas se façam presentes.

Na disciplina de Ética, Tecnologia e Cidadania, para obter a segunda nota realizo um trabalho de grupo que consiste numa pesquisa bibliográfica sobre cidadania, resultando na produção de cartilhas. As duas regras básicas desse trabalho são: os grupos não podem ser os já existentes e o trabalho deve ser realizado em sala. Para isso disponibilizo de 3 a 4 encontros, mas essa quantidade depende do ritmo da turma. Durante o estudo exerço o papel de observadora e vou anotando o movimento dos grupos e das pessoas. Fixei estas

duas regras inicialmente porque considero importante desenvolver a habilidade em trabalhar em grupo, favorecer a experiência de acolher e respeitar a diferença; e segundo a realização em sala permite acompanhar de perto todo o processo de convivência, compromisso grupal e da produção do conhecimento. Nesse trabalho os alunos tem autonomia de escolher o tema a ser pesquisado.

Após as apresentações fazemos uma avaliação do trabalho, tendo como roteiro uma ficha que consta de uma primeira parte que traz a auto-avaliação e uma segunda parte onde os alunos falam do que aprenderam com o trabalho tanto cognitivamente, como para a sua formação pessoal. No final sempre digo que estou aberta a alterar a nota basta que apresentem argumentos. Exemplos de perguntas:

Como você percebeu o exercício da cidadania neste trabalho de grupo?

Quais foram os seus direitos e os seus deveres? Quais os princípios éticos que lhe regeram?

O que você aprendeu sobre o tema cidadania?

Como foi a sua participação no grupo quanto ao comprometimento, frequência, disponibilidade, pesquisa individual?

Como você percebeu o trabalho do seu grupo considerando os mesmos critérios?

Na disciplina Dinâmicas Grupais, como primeira nota vamos construindo ao longo de 8 encontros um álbum auto-biográfico, é um momento de prazer e de resgate da essência da cada um. Esse trabalho é realizado compreendendo que num grupo eu sou UM para depois sermos NÓS.

Outra experiência, nessa disciplina, que considero interessante é o momento do estudo das teorias e teóricos que estudam o processo grupal. O trabalho é realizado em grupo e o estudo é realizado em sala, seguindo a mesma metodologia do trabalho anterior, já relatado. Durante o estudo dou um roteiro e disponibilizo várias fontes de consulta e os alunos vão selecionando o que estudar. Neste momento uma dificuldade se apresenta - pesquisa em livros, o que pesquisar, como encontrar, porque o hábito está em ter acesso a uma única fonte de pesquisa, é um momento de desequilíbrio, mas acabam dando conta.

No momento de compartilhar as pesquisas, os grupos apresentam seu estudo em todas as aulas, isso favorece que todos estejam envolvidos sempre. E para mediar esse compartilhar, procuro utilizar técnicas variadas. É um desafio a cada encontro. No final

sempre uso um instrumento onde eles se auto-avaliam e escrevem o que aprenderam com aquele trabalho. Perguntas norteadoras:

1. Você se sentiu comprometido com a tarefa e com o grupo? Como foi a sua participação no grupo desde o estudo até a apresentação? O que você ofereceu ao grupo? Procurou ampliar o estudo sobre o assunto, pesquisando em outras fontes? Quais foram as suas facilidades e dificuldades no trabalho em grupo e como resolveu?
2. Como você se sentiu diante das apresentações dos seus colegas? Acredita que aprende com eles?
3. O que você acrescentou, incorporou, aos seus conhecimentos, dos vários aspectos estudados, do que ouviu e vivenciou, nos estudos e nas apresentações?
4. Como você percebeu o trabalho do seu grupo?
5. Como percebeu a metodologia utilizada pela professora?

Após tudo respondido procuro fazer uma sistematização e devolver para eles o resultado e conversarmos sobre as respostas.

Na disciplina de Iniciação à Pesquisa, usei a metodologia dos textos-sentidos, foram cinco textos para serem lidos e fazer um texto-sentido de cada um. Escolhi esse caminho, porque o texto-sentido trabalha com a questão da autoria, o importante não é fazer resumo ou redizer o que o autor disse, mas sim o que ficou do foi lido, qual a compreensão. Para o restante da nota, aplico um instrumento que como os outros tem espaço para auto-avaliação, e dizer o que compreendem até agora dos conceitos estudados.

Perguntas norteadoras:

1. Como foi a sua participação nas aulas quanto ao comprometimento, frequência, interesse, entrega dos trabalhos na data, cumprimento das leituras, envolvimento nos debates. Represente sua resposta através de uma escala de 1 a 3 e justifique, mas antes responda as perguntas abaixo: Marque com um x as datas das aulas em que esteve presente. Trace um gráfico do nível da sua participação nas aulas, considerando os critérios já citados.
2. O que você aprendeu com as leituras dos textos e com a troca de idéias em sala de aula?
3. Escolha uma das afirmativas e dê sua opinião.
4. Como você percebeu as aulas, o conteúdo, a metodologia...Dê sugestões.

Com as respostas faço uma leitura e socializo com os alunos.

Como disse no início do texto estes são apenas alguns ensaios, que geram muitas dúvidas, perguntas e também à vontade de investigar mais, de experimentar mais, colaborando para que os alunos sintam-se capazes de SER e de FAZER, fazendo do momento da avaliação um espaço de formação permanente do aluno e do professor.

Referências Bibliográficas

FACULDADE LATINO-AMERICANA DE EDUCAÇÃO. **Processo histórico de avaliação da FLATED**. Fortaleza, 2004.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

HOFFMANN, J. **Pontos & contrapontos: do pensar ao agir em avaliação**. 5ª ed. Porto Alegre: Mediação, 1998.

LOPES, V. N. Como exercitar a cidadania na sala de aula? In: **REVISTA DO PROFESSOR**. Abril a Junho de 1990, 36-37.

MARINO, Marília J. O grupo no processo educativo. In: LINHAS CRÍTICAS – Revista Semestral da Faculdade de Educação. **Anais do I Encontro Nacional entre psicodramatistas e educadores**. Vol. 4, nº 7-8, julho de 1998 a junho de 1999. Brasília, DF: UnB.